



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS ARAGUATINS
CURSO DE LICENCIANTURA EM COMPUTAÇÃO

LETICIA PEREIRA ANDRADE

**O ESTUDO DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E AS CONTRIBUIÇÕES DOS
RECURSOS TECNOLÓGICOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

ARAGUATINS

2018

LETICIA PEREIRA ANDRADE

**O ESTUDO DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E AS CONTRIBUIÇÕES DOS
RECURSOS TECNOLÓGICOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS
ESTRANGEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Computação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – *Campus Araguatins*, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Computação.

Orientador: Prof. Me. Ancelmo Frank
Coelho Castro

Coorientador: Prof. Esp. José Mendes de
Menezes Junior.

ARAGUATINS

2018

Andrade, Leticia Pereira

**O ESTUDO DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E AS CONTRIBUIÇÕES DOS
RECURSOS TECNOLÓGICOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS /Leticia Pereira Andrade.**

– Araguatins, 2018. 20 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em
Computação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Tocantins – *Campus Araguatins*, 2018.

Orientador: Prof. Me. Ancelmo Frank Coelho Castro
Coorientador: Prof. Esp. José Mendes de Menezes Junior

Ferramentas computacionais, habilidades linguísticas, Língua Inglesa.

I. Título.

LETICIA PEREIRA ANDRADE

**O ESTUDO DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E AS CONTRIBUIÇÕES
DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Computação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – *Campus* Araguatins, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Computação.

Aprovado em ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Prof. Me. Ancelmo Frank Coelho Castro (Orientador)
IFTO – Campus Araguatins

Prof. Me. Rogério Pereira de Sousa
IFTO – Campus Araguatins

Prof. Me. Ramásio Ferreira de Melo
IFTO – Campus Araguatins

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Luisa Andrade e o meu noivo Darcio Sampaio por toda a força e apoio que me deram ao longo desses anos, a todos os meus familiares por estarem comigo sempre me apoiando e dando forças para nunca desistir e a todos os meus colegas e amigos que foram cruciais para que eu concluísse essa etapa.

Sou grata a todos os professores que participaram da minha formação, principalmente meu Orientador Professor Mestre Ancelmo Frank Coelho Castro, por ter contribuído para o meu desenvolvimento acadêmico.

E por fim a Instituição por ter me proporcionado tamanho conhecimento e convivências com pessoas especiais durante todos esses anos.

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise das barreiras encontradas no ensino da língua inglesa através de um questionário, pesquisa bibliográfica e de experiências adquiridas no estágio supervisionado. O questionário foi realizado com 35 alunos, do Ensino médio – Técnico em Redes de Computadores, acadêmicos do curso de Licenciatura em Computação e Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO - Campus Araguatins. O artigo expressa a visão desmotivada dos alunos acerca da disciplina de inglês, e remete a problemáticas como a má qualificação dos educadores e a falta de domínio sobre língua ensinada. Exprime a opinião dos alunos sobre a utilização das ferramentas computacionais em sala de aula e como elas podem auxiliar no processo de aprendizagem, além de elucidar um papel importantíssimo que o professor tem diante do ensino do idioma.

Palavras-chave: Ferramentas computacionais, habilidades linguísticas, Língua Inglesa.

ABSTRACT

The present work analyzes the barriers in the teaching of English through a questionnaire, bibliographic research and experiences gained in supervised internships. The questionnaire was carried out with 35 students, from the High School – Técnico em Redes de Computadores, Licenciatura em Computação and Licenciatura em Ciências Biológicas of the Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO - Campus Araguatins. The article expressed an unmotivated view of English language norms, and remedies a problem as one of the main educational issues and a lack of mastery over the language taught. The lesson aims to help the learning process, as well as elucidating an important role that the teacher has about teaching the language.

Keywords: Computational tools, language skills, English language.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-Você gosta de inglês?	14
Gráfico 2 - Você acha importante estudar inglês?	15
Gráfico 3 - Você se considera fluente em inglês?	15
Gráfico 4 - O que você acha que deveria mudar nas aulas de inglês?	16
Gráfico 5 - Qual a melhor maneira de se aprender inglês em sua opinião?.....	16
Gráfico 6 - Você já utilizou algum aplicativo para aprender inglês? Qual?.....	17

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O DESENVOLVIMENTO DAS QUATRO HABILIDADES LINGUÍSTICAS	10
3. METODOLOGIA.....	12
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
5. CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS.....	19

1. INTRODUÇÃO

A ubiquidade da tecnologia é algo indiscutível. No ramo da educação a tecnologia tem sido bastante utilizada e instituições, alunos e professores vêm buscando cada vez mais maneiras de fazer com que o ensino se dê de forma completa, igualitária, além de oferecer uma metodologia de ensino mais interativa.

Focando a pesquisa na aprendizagem de Línguas Estrangeiras, pôde-se refletir sobre a pergunta de Warschauer (2002): *a tecnologia é uma ferramenta para o aprendizado de línguas ou o aprendizado de línguas é uma ferramenta para o acesso à tecnologia?*

O ensino do inglês na rede pública preocupa diversos pesquisadores e professores. Siqueira e Anjos (2012) afirmam que não é preciso pesquisar a fundo para saber que “*o ensinar*” e “*o aprender*” inglês se resume, na grande maioria das vezes, a aspectos gramaticais. Sendo assim, as práticas pedagógicas são consideradas maçantes, desinteressantes e desprovidas de quaisquer sinais que representem alguma relevância social para o aprendiz.

Os profissionais que ministram essa disciplina se tornam alvo de diversas críticas. A grande maioria dos professores com médio ou pouco conhecimento do idioma, profissionais reaproveitados de outras disciplinas e/ou desmotivados por conta da estrutura física precária e pelo pouco interesse dos alunos, que por sua vez também se desmotivam pela falta de aplicabilidade do conhecimento em sua vida diária.

Nesse artigo buscou-se analisar as problemáticas que impedem que a aprendizagem do inglês de fato ocorra. E como a tecnologia pode auxiliar nesse processo educacional.

2. O DESENVOLVIMENTO DAS QUATRO HABILIDADES LINGUÍSTICAS

O interesse por línguas estrangeiras não vem de hoje. Estima-se que desde o século IX d.C. o latim fazia parte das disciplinas curriculares nas universidades europeias. Contudo, com o declínio da língua, somente o latim escrito era utilizado, porque as obras eram em sua maioria publicadas em latim, e em consequência disso, as universidades focavam no ensino voltado para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita em língua estrangeira, o que ficou conhecido como *gramática-tradução* segundo Oliveira (2009). Esta metodologia é a mais aplicada pelos professores nas escolas públicas na contemporaneidade, pois somente as habilidades de leitura são requisitos para a aprovação em vestibulares ou exames (como o ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio), omitindo o desenvolvimento da habilidade de *listening* (escutar) e pronúncia (falar). Normalmente cerca de uma aula semanal, de 57 minutos, é dedicada ao ensino de LE. Isto representa um total de apenas 40 horas de atividades em um ano, ou seja, menos do que um semestre letivo em um curso básico de idiomas.

Durante o estagio supervisionado um educador apontou a pequena carga horária destinada à disciplina como uma das maiores dificuldades para se trabalhar a pronúncia e a audição do idioma. O que é bastante relevante se considerarmos que algumas disciplinas dispõem de apenas uma aula semanal, com duração de 55 minutos cada.

Schmitz (2009), porém, afirma que o professor pode trabalhar essas habilidades em conjunto, como por exemplo: fazer perguntas em inglês durante as aulas. Isso pode estimular os alunos a fazer perguntas no idioma e encorajá-los a perder cada vez mais o medo de errar.

O inglês não é somente uma disciplina escolar onde o aluno aprende o verbo *to be*. É uma oportunidade de inclusão social, de interação com o meio e também abre diversas portas de estudo e oportunidades. Paixão (2013) fala que a maior parte das informações contidas na internet está em inglês, assim como mais da metade de seus usuários se comunicam neste idioma.

Segundo Oliveira (2009), o ensino da língua inglesa tem três funções básicas no ensino público. A primeira função é a logística: cumprir o que é determinado pelo Ministério da educação através dos PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais. A segunda função é de natureza social: a inclusão do estudante na

sociedade como um cidadão mais consciente. E por fim, a aprendizagem de inglês cumpre no desenvolvimento do cognitivo.

No Plano Curricular Nacional (1998,P.15) cita que a aprendizagem de uma língua estrangeira age possibilitando a autopercepção do aluno como cidadão e ser humano. Desta maneira essa educação deve ser centrada no engajamento discursivo do aluno, para que ele possa envolver-se com outras pessoas e agir na sociedade.

É incoerente como o inglês – apesar da sua importância – tem se tornado, para os nossos alunos, uma disciplina “*chata*” e “*cansativa*”. Esses títulos são atribuídos por conta da dificuldade de compreensão dos conteúdos, pelo interminável e maçante (verbo *to be*) ou pela falta de imersão do conteúdo no cotidiano dos alunos.

Na escola pública, os alunos não têm. Falta tudo. O cenário é de malogro: lugar de alunos que não aprendem, de professores que não sabem a língua que ensinam, de pais que não se preocupam com a educação dos filhos e de metodologias que não funcionam. Nela, o ensino de inglês é uma história de faz-de-conta, encenada por professores invisíveis. (ASSIS-PETERSON, 2010, P145-174).

De acordo com a diretora de língua inglesa do British Council, NINA COUTINHO (2014), cerca de 70% dos alunos que terminam os estudos consideram o seu nível de inglês como “*básico*” ou definem como “*nenhum conhecimento*”. Esses dados são intrigantes, considerando que os estudantes passam no mínimo 7 anos estudando uma língua estrangeira, de acordo com a LDB. O Art. 26, § 5º dispõe que a disciplina de língua estrangeira será obrigatoriamente aplicada a partir da quinta série e que a escolha do idioma fica a cargo da instituição.

A maioria dos alunos com interesse em uma língua estrangeira, ao terminarem o ensino médio, procuram cursos para suprir a falta de conhecimento, porém desistem por causa dos altos custos ou decidem procurar cursos gratuitos na *Internet*, através das TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação).

3. METODOLOGIA

Foi realizado uma pesquisa bibliográfica para entender como está a educação de línguas estrangeiras no Brasil. Um livro muito utilizado foi o “Ensino e aprendizagem da língua inglesa” de Diógenes (2009), o qual apresenta entrevistas com especialistas sobre o ensino das línguas estrangeiras.

Aplicou-se, também, um questionário com acadêmicos dos Cursos de Licenciatura em computação, Licenciatura em Ciências Biológicas e com alunos do ensino médio do IFTO, acerca das suas experiências educacionais com línguas estrangeiras e suas opiniões sobre a utilização de ferramentas computacionais (vídeos, jogos educativos, vídeo aulas, filmes, etc.) no ensino de inglês, com o objetivo de analisar e entender o motivo pelo qual os alunos têm essa visão sobre a disciplina.

Foi aplicado um questionário com 8 questões, 3 de múltipla escolha, 4 de caixas de seleção (poderiam marcar mais de uma opção) e uma dissertativa, através do *Google forms* para 35 alunos e acadêmicos. A escolha dos alunos foi pelo fato de que muitos alunos que estudam no IFTO – Campus Araguatins-TO são de outros estados além do Tocantins (Maranhão, Pará e Mato Grosso), proporcionando assim uma diversificação nas respostas.

A primeira pergunta era: “*Você gosta de inglês?*”. Trinta e três alunos responderam que gostam da disciplina e dois responderam que não.

A segunda perguntava: “*Você acha que aprender inglês é importante? Por quê?*”. Essa era uma questão de caixas de seleção, eles poderiam marcar mais de um motivo ou expor sua opinião, caso fosse diferente das opções existentes. Vinte e um alunos responderam: sim é importante, pois quem aprende tem melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Dezenove concordaram: sim é importante, pois é o idioma mundial oficial. Dezessete afirmaram: sim é importante, para entender termos técnicos da minha área. Nove responderam: sim é importante, principalmente em viagens e um aluno respondeu complementou dizendo que era importante para ocasiões inesperadas.

terceira pergunta: “*Você se considera fluente em inglês?*”. Trinta e quatro alunos responderam que não e somente um se considera fluente.

O quarto questionamento era dissertativo e perguntava: “*Qual foi a melhor aula de inglês que você teve em todo o seu histórico escolar?*”. A maioria dos

alunos falou sobre aulas com músicas, tradução de músicas, aulas com diálogos em inglês e aulas onde o foco era a conversação. Alguns, porém, disseram que nenhuma aula era boa, pois só estudavam o *verb to be*. Ainda ouvi aqueles que responderam, “Uma que a professora dava pirulitos por cada resposta correta”, “Uma aula onde o professor fez uma brincadeira de mímica, mas a resposta deveria ser em inglês”, “No ensino fundamental, através de uma dinâmica com as cores, animais e frutas”.

No quinto questionamento foi perguntado: “O que você acha que deveria mudar nas aulas de inglês?”. Trinta e três alunos responderam que deveria ter mais aulas práticas e menos aulas gramaticais; Um aluno disse que não mudaria nada; Um aluno disse que seria melhor se tivesse mais músicas.

A sexta pergunta era “Qual a melhor maneira de se aprender inglês em sua opinião?”. Também havia a possibilidade de escolher mais de uma opção. Vinte e cinco alunos responderam que aprendiam mais com séries, filmes e música; Dezoito com jogos; Quatro alunos afirmaram que aprendem melhor com o livro didático; Nove com Professor + pincel + quadro; Cinco alunos disseram que através de vídeo aulas; Cinco afirmaram que ainda não descobriram um método e outros quatro acrescentaram que é melhor através de um intercâmbio, chamadas de vídeo com estrangeiros, entre outras.

A sétima pergunta questionava se as músicas, os aplicativos educativos de inglês, os vídeos e jogos poderiam auxiliar no processo de ensino de uma língua estrangeira. Todos os trinta e cinco alunos responderam que sim.

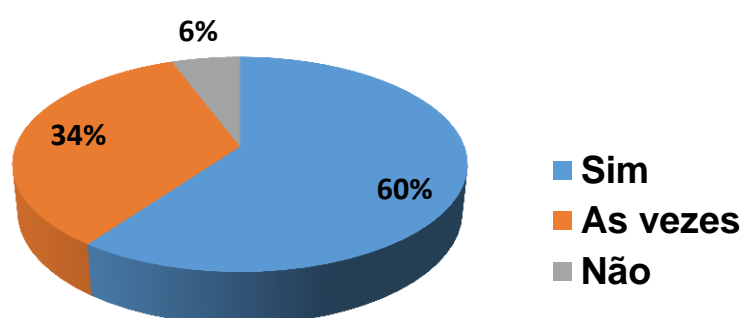
A última questão era se os alunos já haviam utilizado algum aplicativo educativo para aprender algum idioma. Onze alunos responderam que não; os demais (24) declararam que já utilizaram Apps como *Upmind*, *Lingualeo*, *Duolingo*, *Learn English* e *italki*.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através do questionário foi possível ratificar o que foi citado anteriormente acerca da visão que os alunos têm sobre as aulas de inglês, sobre a continuidade de aulas gramaticais sem metodologias diferentes.

Na primeira questão a maioria dos alunos (60%) respondeu que gostam da disciplina de inglês, 34% deles afirmaram que às vezes gostam da disciplina, pois isso dependia da aula e da metodologia que o professor utilizava e 6% responderam que “*não gostavam*”.

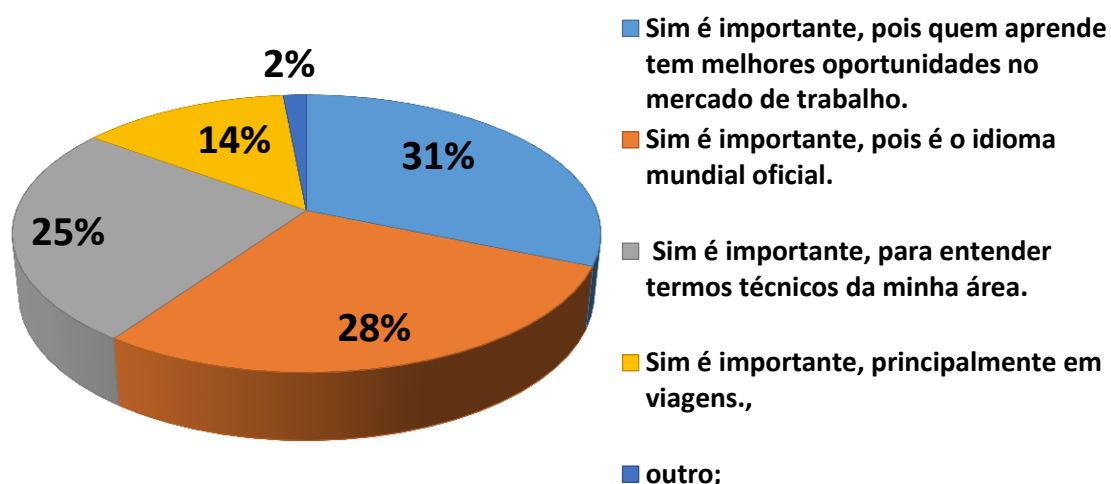
Gráfico 1-Você gosta de inglês?



Fonte: Aatoria (2018).

Na segunda questão todos os alunos concordaram que o inglês é importante para suas vidas, porém percebe-se que os mesmos não acreditam que realmente vão utilizar a língua algum dia, ou seja, não tem a visão de aplicabilidade do estudo em sua vida.

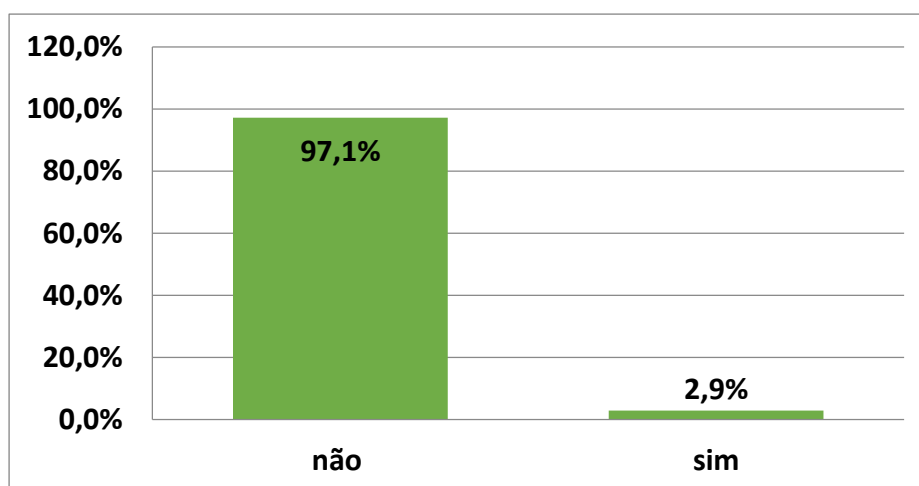
Gráfico 2 - Você acha importante estudar inglês?



Fonte: Aatoria (2018).

Na terceira pergunta foi questionado se eles se consideravam fluentes em inglês: 97,1% dos alunos responderam que não, e, somente 2,9%, responderam que sim. O que comprova o que foi dito pela Nina Coutino anteriormente, que a maioria dos alunos saem do ensino medio e se consideram inaptos para utilizar a língua.

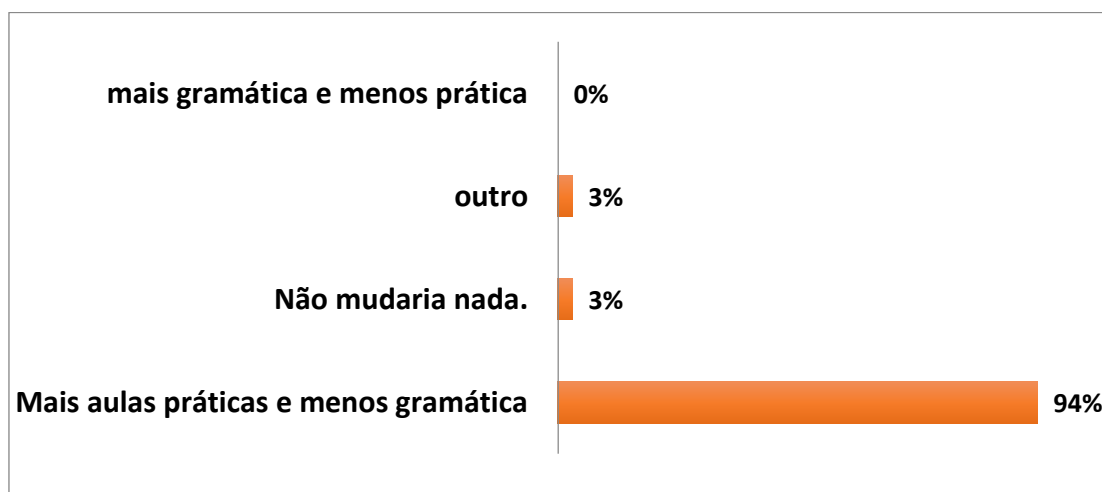
Gráfico 3 - Você se considera fluente em inglês?



Fonte: Aatoria (2018).

Na quarta questão a maioria afirmou que preferia que as aulas fossem mais dinâmicas, menos gramática, ou pelo menos que a gramática fosse aplicado com metodologia diferente.

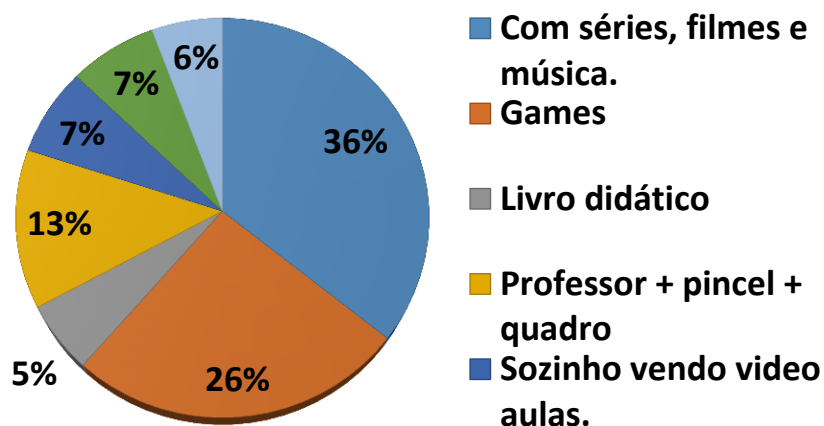
Gráfico 4 - O que você acha que deveria mudar nas aulas de inglês?



Fonte: Aatoria (2018).

Na quinta questão é notável que a maioria dos alunos (62%) gosta e afirma aprender mais através de recursos tecnológicos como filmes, músicas, jogos, e séries.

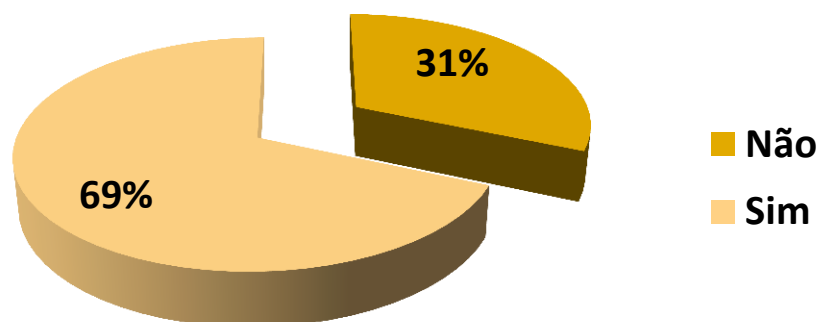
Gráfico 5 - Qual a melhor maneira de se aprender inglês em sua opinião?



Fonte: Aatoria (2018).

Na oitava questão fica claro o interesse dos alunos em gostar do inglês e o interesse em aprendê-lo fora de sala de aula, sem a obrigatoriedade do professor. A maioria respondeu que utiliza aplicativos como o *Upmind*, *Lingualeo*, *Duolingo*, *Learn English* e *italki* para aperfeiçoar os estudos.

Gráfico 6 - Você já utilizou algum aplicativo para aprender inglês?



Fonte: Aatoria (2018).

5. CONCLUSÃO

Por fim, conclui-se que a disciplina de Língua Estrangeira deveria ser aplicada com mais compromisso pelos educadores brasileiros. Destinar uma maior carga horária semanal para o estudo de uma Língua Estrangeira já seria um grande passo para tornar o ensino das disciplinas mais interessante.

O investimento em professores com experiência na língua e o uso de tecnologias facilitadoras deveriam ser prioridade nas escolas brasileiras. E tudo seria possível com os esforços do governo, principalmente no incentivo à pesquisa. Assim, o interesse por parte dos alunos aumentaria e as aulas se tornariam mais interessantes.

A maioria dos alunos demonstrou, através do questionário, gostar de inglês, porém, como diz SCHIMITZ (2002), muitas vezes o ensino é sonogado por professores.

Acredita-se que muitas vezes o que acontece é que os professores da disciplina entram em conformismo de que o tempo destinado às aulas é muito curto e que eles não podem fazer mais e acabam por se acomodar e não buscar novas metodologias de trabalhar o inglês com mais qualidade.

Além do mais, eles muitas vezes não mantêm uma comunicação frequente com os alunos, o que acaba por inibir as ideias deles sobre o que gostariam de aprender ou do que eles gostam no geral, para que se pudesse alcançar uma possível interdisciplinaridade entre assuntos.

O interessante seria se os professores ensinassem a disciplina e utilizassem como métodos as vivências dos alunos. Como foi visto, os alunos apresentam um interesse e afirmam aprender muito com músicas, filmes e aplicativos. Então se o professor usufrísse desses recursos, como slides temáticos ou ao invés de utilizar os exemplos dos livros, seria divertido se ele usasse frases que já foram ditas por personagens dos filmes que os alunos gostam, ou instigasse os próprios alunos a criar as próprias frases.

A aula ficaria muito mais dinâmica, prenderiam a atenção dos alunos e então o aluno perceberia que o inglês está além de viagens e trabalho, que ele faz parte do dia a dia deles.

REFERÊNCIAS

ASSIS-PETERSON; A. A.; **SILVA**, E. M. N. Não tenho estoque de sonhos para me manter em pé: construção de identidades de uma professora de inglês. In: **BARROS**; S. M.; **ASSIS-PETERSON**, A. A. (Org.). **Formação crítica de professores de línguas: desejos e possibilidades**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010. p.145-174.

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

COUTINHO, NINA. Pesquisa sobre demandas para a aprendizagem de inglês - British Council (2014). Disponível em: <<https://www.britishcouncil.org.br/about/press/pesquisa-sobre-demandas-para-aprendizagem-de-ingl%C3%AAs>> Acesso em: 02 ago. 2017.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. In: **LIMA**, Diógenes Cândido. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

PAIXÃO, R. O idioma mundial: O que os adultos precisam fazer para aprender. 1998. Disponível em: Acesso em: 09 nov. 2013.

Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf> Acesso em: 01 ago. 2017.

SCHMITZ, John Robert. In: **LIMA**, Diógenes Cândido. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel; **ANJOS**, Flávio Almeida dos. **Ensino de inglês como língua franca na escola pública: por uma crença no seu (bom) funcionamento**. Muitas Vozes, Ponta Grossa, v.1, n.1, p.132, 2012.

WARSCHAUER, Mark. **A Developmental Perspective on Technology in Language Education**. **TESOL QUARTERLY**, v. 36, n. 3, 2002.